

ABORDAGEM SEMIÓTICA DE A RAPOSA E O BODE (ESOPO)

Miguél Eugenio Almeida (UEMS)
(mealmeida_99@yahoo.com.br)

RESUMO

A abordagem semiótica de *A raposa e o bode*, de Esopo, é feita a partir da relação desta fábula com a aplicação dos elementos teóricos da manipulação narrativa greimasiana, no contexto da *sintaxe narrativa de superfície*. A análise textual centra-se especificamente na função manipuladora da sintaxe narrativa de superfície e, também, no contexto da profundidade textual – a *isotopia* – onde a questão do valor é colocada sob o ponto de vista antropológico-filosófico fundamentando ainda mais a questão da isotopia textual. Assim, o trabalho semiótico do texto, em questão, está inscrito na *semiótica objetal*, propriamente dita. Dentro do esquema narrativo da manipulação é que podemos verificar as modalidades veridictórias no âmbito da fábula de Esopo. Portanto, é a partir da isotopia onde podemos retirar os semas mais profundos. Para encontrar os mesmos, é que fazemos a indagação: o que afirma – *euforia* – e o que nega – *disforia* – no texto? Isto constitui o ponto de partida para análise semiótica do texto. Fora do mesmo (texto), ou seja, o extratextual foge completamente da proposta da *semiótica objetal* quando, por exemplo, introduzimos outras abordagens: sociolinguística e psicolinguística. No caso, toda significação é retirada do texto.

Palavras-chave: semiótica objetal; semântica estrutural; isotopia.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A abordagem semiótica de *A raposa e o bode* (Esopo) é feita a partir desta fábula com a participação dos elementos teóricos da manipulação narrativa greimasiana, no contexto da *sintaxe narrativa de superfície*. A análise textual centra-se especificamente na função manipuladora da sintaxe narrativa de superfície e, também, no âmbito mais profundo do texto, a *isotopia* textual. Assim, o tratamento semiótico do texto em questão está inscrito na *semiótica objetal*, propriamente dito.

Assim, podemos verificar as modalidades veridictórias do esquema narrativo da manipulação semiótica ocorrente nesta narrativa; pois, é a partir da isotopia textual que podemos retirar os semas mais profundos. Para encontrar os

mesmos (semas), recorremos a seguinte indagação: o que se afirma – *euforia* – e o que se nega – *disforia* – no texto? Isto constitui o ponto de partida para o trabalho da análise semiótica do texto.

ANÁLISE DA NARRATIVA

Neste trabalho, desenvolvemos os seguintes pontos elucidando a construção semiótica do texto em questão: as funções sintáticas dos actantes; os momentos, etapas, do percurso semiótico da narrativa; a fórmula canônica da narrativa; os actantes e suas figuratizações; o quadrado semiótico; a sintaxe discursiva e a sintaxe profunda.

Assim, iniciamos apresentando o texto narrativo, objeto de nossa análise:

A RAPOSA E O BODE

Uma raposa caiu em um poço e foi obrigada a permanecer ali. Um bode, levado pela sede, aproximou-se do mesmo poço e, vendo a raposa, perguntou-lhe se a água estava boa. E ela, regozijando-se pela circunstância, pôs-se a elogiar a água, dizendo que estava excelente e o aconselhou a descer. Depois que, sem pensar e levado pelo desejo, o bode desceu junto com a raposa e matou a sede, perguntou-lhe como sair. A raposa tomou a palavra e disse: “Conheço um jeito, desde que pretendas que nos salvemos juntos. Apóia, pois, teus pés da frente contra a parede e deixa teus chifres retos. Eu subo por aí e te guindarei”. Tendo o bode se prestado de boa vontade à proposta dela, a raposa, subindo pelas pernas dele, por seus ombros e seus chifres, encontrou-se na boca do poço, saltou e se afastou. Como o bode a censurasse por não cumprir o combinado, a raposa voltou-se e disse ao bode: “Ó camarada, se tivesses tantas idéias como os fios de barba no queixo, não terias descido sem antes verificar como sair”. (Esopo, 1994).

No texto em questão, apresentamos os actantes e suas funções sintáticas; assim denominados:

a) A raposa, que de agora em diante passamos a denominar S1, representa o sujeito do “saber-fazer”, porque detém o “plano estratégico de salvação” que lhe permite uma possibilidade para sair do poço em que se encontrava presa.

Esta modalidade actancial, conforme os semioticistas,

[...] aparece como aquilo que torna possível essa atividade, como uma competência cognitiva (que se pode interpretar como uma 'inteligência sintagmática', como uma habilidade para organizar as programações narrativas) (Greimas & Courtes, 1989, p. 388).

Percebemos que S1 usou de sua astúcia para elaborar o seu plano estratégico de salvação junto ao bode (S2) quando se expressa: “Conheço um jeito [...] apóia, pois, teus pés da frente contra a parede e deixa teus chifres retos. Eu subo por aí e te guindarei” (linhas 5 à 7). Destarte, o seu plano denota a sua (S1) capacidade de raciocínio para resolver uma situação problema.

S1 (sujeito destinador), ainda, mostra-se como sujeito do “fazer-querer” quando determina a sua vontade para tornar S2 competente pela capacidade para fazer alguma coisa. Neste contexto, enquadra-se a sedução que se aplica aqui de modo especial.

A *sedução* é expressa pelo elogio do sujeito destinador para com o sujeito destinatário. No caso, ocorre na passagem envolvendo os actantes (raposa e bode): “Um bode, levado pela sede, aproximou-se do mesmo poço e, vendo a raposa, perguntou-lhe se a água estava boa. E ela, regozijando-se pela circunstância, pôs-se a elogiar a água, dizendo que estava excelente e o aconselhou a descer” (linhas 1 à 4). A sedução de S1 para com S2 compreende fazer uso da água para saciar a sede com o objetivo de atraí-lo para fazer parte na execução estratégica de seu (S1) plano. Assim, S1 percebe a necessidade primordial de S2, para seu plano, tornando-a objeto de sedução. Logo S2 é seduzido pelo juízo da água e pelo aconselhamento por S1 para que descesse e consumasse a sua (S2) necessidade.

b) O bode (S2) é o sujeito do “poder-fazer” quando se apresenta como recurso físico para realizar o plano tático de salvação proposto por S1. Na teoria das modalidades, de acordo com os teóricos da semiótica objetiva em questão, o *poder* apresenta-se “[...] como a denominação de um dos

predicados possíveis do enunciado modal*, que rege um enunciado descritivo* (de fazer* ou de estado*)” (*op. cit.*, 337). Com relação a esta narrativa, o *poder* implica na ação do *fazer pragmático*. Conforme o texto de nosso estudo, temos a seguinte ocorrência a respeito: “Tendo o bode se prestado de boa vontade à proposta dela, a raposa, subindo pelas pernas dele, por seus ombros e seus chifres, encontrou-se na boca do poço, saltou e se afastou” (linhas 7 a 9). Isto porque

[...] o fazer pragmático parece distinguir-se do fazer cognitivo pela natureza somática e gestual de seu significante, pela natureza, também, dos investimentos semânticos que recebem os objetos pelo fazer (os objetos do fazer pragmático são os valores descritivos, culturais, em uma palavra, não-modais (Greimas & Courtés, *op. cit.*, 178).

O corpo físico de S2 constitui o valor do fazer pragmático para efetivar a execução do plano estratégico de salvação de S1. S2 entra, portanto, com o seu aparato corpóreo como elemento imprescindível para o referido plano. Este elemento (corpo) traduz-se como um objeto-valor (Ov) muito precioso para a realização do plano.

Notamos, a partir do texto, que este plano, designado daqui por diante de /Ov1/, e o corpo de S2 /Ov2/ apresentam-se como elementos importantes para determinarem o percurso semiótico da narrativa integralizados pelos seus momentos respectivos: manipulação, competência, performance e sansão.

A *manipulação*, no percurso semiótico da narrativa, ocorre no texto com a presença da iniciativa de S1 (sujeito do fazer-querer) quando propõe a S2 (sujeito do poder-fazer) o respectivo plano (contrato): “Conheço um jeito [...] Apóia [...] teus pés da frente contra a parede e deixa teus chifres retos. Eu subo por aí e te guindarei” (linhas 5 à 7). Este plano caracteriza-se pela modalidade do “fazer-fazer” em uma dimensão pragmática correspondente à “estrutura modal de tipo factitivo” (Greimas & Courtés, *op. cit.*, p. 269).

A *competência*, na narrativa em questão, define-se pela modalidade “saber-fazer”. A elaboração do plano de S1

(actante personificado) mostra a sua competência quando articula o referido plano, pois, seguindo a posição dos semioticistas, “[...] a competência lingüística não é uma coisa em si, mas um caso particular de um fenômeno muito mais vasto que, sob denominação genérica de competência, faz parte da problemática da ação humana e constitui o sujeito cõo actante* (qualquer que seja o domínio em ela se exerça)” (*op. cit.*, 62). O actante S1 é competente quando elabora uma estratégia de ação, mesmo que faça uso da manipulação para que possa lograr êxito com relação ao seu objetivo: sair do poço.

A *performance* compreende a colocação do referido plano de S1 em prática, ou seja, de acordo com a passagem da narrativa: “Tendo o bode se prestado de boa vontade à proposta dela, a raposa, subindo pelas pernas dele, por seus ombros e seus chifres, encontrou-se na boca do poço, saltou e se afastou” (linhas 7 à 9). Diante deste quadro, notamos claramente a *performance* de ambos (S1 e S2). Assim, a *performance* “[...] como estrutura modal do fazer, [ela] – denominada decisão, quando situada na dimensão cognitiva*, e execução, na dimensão pragmática* - permite entrever desenvolvimentos ulteriores” (Greimas & Courtès, *op. cit.*, p. 330). A dimensão pragmática da narrativa em questão é que determina a *performance*.

A *sanção*, no caso desta fábula, reconhecemo-la pela quebra de contrato de S1 para com S2; conforme vemos no texto: “Como o bode a censurasse por não cumprir o combinado, a raposa voltou-se e disse ao bode: ‘Ó camarada, se tivesses tantas idéias como fios de barba no queixo, não terias descido sem antes verificar como sair’” (linhas 9 à 11). A *sanção*, no caso, foi para o actante S2, como penalidade diante de seu comportamento irreflexivo. Portanto, a punição para S2 está na dimensão cognitiva “[...] que é um juízo epistêmico sobre o ser* do sujeito e, mais genericamente, sobre os enunciados de estado* que ele sobretermina, graças às modalidades veridictórias* e epistêmicas*” (mesmos autores, *op. cit.*, p. 389). O ser de S2 mostra-se como um actante que age impensadamente sem medir as suas

conseqüências. A narrativa, deste modo, centra a atenção para a ação do indivíduo que não faz uso da sua razão arcando posteriormente com as suas conseqüências. Lembramos do ditado popular que veicula entre nós: “Quando a cabeça na ajuda, o corpo padece”, isto é, quem dirige a nossa vida é a razão.

Resumidamente, apresentamos a fórmula canônica que expressa a construção desta narrativa:



No estado inicial, a não-disjunção $/\bar{U}/$ (conservar alguma coisa) entre S1 e Ov1(plano) está na formalização inicial deste, para sair do poço. Assim, Ov1 continua no processo de não-conjunção $/\cap/$ (não ter alguma coisa) de Ov1 que se estabelece como contrato (proposta de ação) entre S1 para com S2.

Na transformação, mudança de estado final, S1 realiza a performance usando Ov1. Assim, S1 logra êxito atingindo o objetivo $/\cap/$ (= conjunção \rightarrow ter alguma coisa) com Ov1; e S2 (destinatário) é punido $/U/$ (não conservar alguma coisa) por não fazer uso de sua capacidade cognitiva do raciocínio.

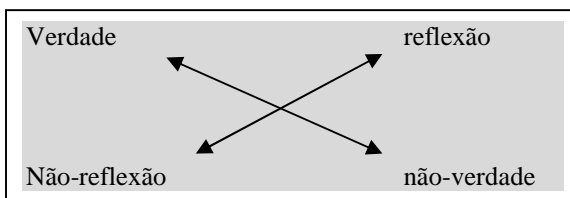
A seguir, apresentamos os actantes da narrativa e suas figuratizações:

	Papéis temáticos	Suas figuras	Percurso figurativo
S1 (destinador)	Autora do plano	inteligência; raciocínio; persuasão.	astúcia
S2 (destinatário)	Pactuante do plano	Insensatez; irreflexão; obediência	pacto

O quadro mostra S1 assumindo um papel actancial do “saber-fazer”, cognição, razão, inteligência, quando usa a sua capacidade para a resolução do problema imediato que a aflige: como sair do poço? Decorrente do surgimento do

elemento novo - a presença de S2 -, papel actancial do “poder-fazer”; S2 pede a ela (S1) uma análise de juízo referente à qualidade da água. Sem pestanejar, S1 visualiza imediatamente a solução para o problema que a aflige; e, deste modo, lança mão de sua esperteza, que lhe é peculiar, para seduzir S2 com a sua maneira oportunista, alimentando o desejo para saciar a sede de S2. Assim, S2 não se dá conta do prejuízo ulterior aquiescendo a sedução de S1.

A partir desta perspectiva actancial e temática de S1 para com S2, a apontamos, a seguir, o quadro semiótico da narrativa:



A narrativa mostra a situação – prisão no poço de S1 – como um fato, bem como o próprio plano e sua execução beneficiando S1. Já o regozijo de S1, diante da nova situação, configura-nos a nossa desconfiança perante a veracidade sobre o seu julgamento referente à qualidade da água. Logo estamos diante de uma *não-verdade*. A *reflexão* aparece claramente pela exposição do plano de S1; e *não-reflexão* compreende a sanção cognitiva de S2 e que foi muito bem explicitada pelo juízo de S1.

Destarte, visualizamos a *sintaxe superficial* na fábula *A raposa e o bode* (Esopo) diante do percurso da mudança de *estado inicial* para o *estado final* apontada pela fórmula canônica da semiótica.

Na *sintaxe discursiva*, o *percurso figurativo* dos sujeitos actantes em que percebemos S1 simbolizando a *astúcia* e S2 representando o *pacto* entre eles, porque o sucesso do plano está no ato pactual de S1 para com S2.

No âmbito da *sintaxe profunda*, temos o seguinte quadro:

- a) O que se afirma nesta fábula – *euforia* – é a ação reflexiva de S1 mediante a compilação de seu plano.
- b) O que se nega de forma contundente – *disforia* – é o ato irreflexivo de S2 quando não vislumbra a insensatez do ato de saciar a sua sede em um local de difícil acesso.

As categorias sêmicas arroladas neste texto são as seguintes: autor do plano × pactuante na execução do plano. Isto nos revela a presença da *semântica fundamental*.

O objeto modal *astúcia* de S1, no que diz respeito a elaboração e execução do plano, apresenta-se como elemento de transformação de estado por intermédio do enunciado de estado na *semântica narrativa*.

O espaço – poço – é o cenário do quadro de manifestação do raciocínio de S1 e da insensatez de S2; pois, é por intermédio da semântica discursiva que ocorre a discursivização mediada pelo percurso figurativo da temporalização e da prossêmica.

O tema da *inteligência* aparece figuratizado nesta narrativa pela representação personificada do “saber-fazer” da raposa, astuta, que expressa diante do bode a lógica do seu raciocínio para solucionar o seu problema. Logo “Ov1” é o objeto sintático de alta relevância reconhecendo-se como uma figura, no caso: plano tático de salvação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação da *semiótica objetal* (Greimas e Courtes) nesta fábula vem contribuir, sobremaneira, para uma maior compreensão textual sob a dimensão lingüística do significado. Assim, o mapeamento sob este aspecto apresenta a riqueza profícua de elementos significativos em um texto.

Esta semiótica dá-nos uma direção para buscar e analisar elementos escondidos nas profundezas textuais. *A raposa e o bode* (Esopo) é uma narrativa escrita de forma

muito simples e, por isso, presta-se ao entendimento geral dos leitores; porém, se prestarmos maior atenção, verificamos que os elementos aí retirados remetem a uma profundidade interna do texto, porque há um encadeamento lógico-estrutural na análise permitindo elucidar os elementos sêmio narrativos e os elementos das estruturas discursivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. E. Apólogo das cotovias: visão semiótica baseada na teoria de A. J. Greimas. **In:** *Almanaque CiFEFiL* (CD-ROM). Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2006.

———. Aspecto semiótico da propaganda política. **In:** *Almanaque CiFEFiL* (CD-ROM). Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2006.

ESOPO. *Fábulas completas*. Tradução direta do grego, introdução e notas por Neide Smolka. São Paulo: Moderna, 1994.

GREIMAS, A. J. & COURTES, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima *et alli*. São Paulo: Cultrix, 1979.